

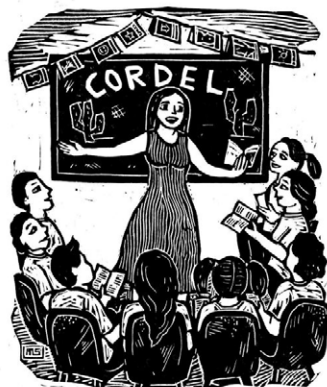


XI JOGRÁFICOS

mecanismos para ensino
e aprendizagem do cordel

ALBERTO ROIPHE

ROSILENE PIMENTEL



XI JOGRÁFICOS

mecanismos para ensino
e aprendizagem do cordel

ALBERTO ROIPHE

ROSILENE PIMENTEL



Criação Editora
Aracaju | 2021

Copyright 2021 by Alberto Roiphe e Rosilene Pimentel

Todos os direitos reservados - Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei em vigência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este é um projeto apoiado pelo Edital de Premiação de Artes Visuais e Literatura, proposto pelo Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe – FUNCAP, com recursos da Lei Aldir Blanc.

Diagramação

Adilma Menezes

Projeto gráfico e Capa

Alberto Roiphe

Para todos os
educadores e educadoras,
que trabalham com o cordel em suas
práticas pedagógicas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

R741x Roiphe, Alberto; Pimentel, Rosilene.

Xilográficos: mecanismos para ensino e aprendizagem do cordel / Alberto Roiphe e Rosilene Pimentel; Prefácio de Izabel Nascimento. -- 1. ed. -- Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

60 p. 21 cm. Ilustrado

ISBN. 978-85-60102-53-2 (Impresso)

ISBN. 978-85-60102-61-7 (digital)

1. Arte Popular. 2. Cordel. 3. Xilogravuras. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 398.5

CDU 398.51

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Cordel.

2. Literatura de cordel.

SUMÁRIO

- 09** **Um prefácio cordelizado**
Izabel Nascimento
- 11** **Xilográficos para ensinar e para aprender**
Alberto Roiphe e Rosilene Pimentel
- 13** **Como surgiu o cordel?**
Xilogravura de Jefferson Campos – Rio Grande do Norte
- 17** **Como se faz um cordel?**
Xilogravura de Kelmara Castro – Pernambuco
- 21** **Cordel é repente?**
Xilogravura de Lucélia Borges – São Paulo
- 25** **Cordel é xilogravura?**
Xilogravura de Erivaldo – Rio de Janeiro
- 29** **Cordel é declamação?**
Xilogravura de Mestra Laínha – Bahia
- 33** **Mulheres fazem cordel?**
Xilogravura de Jefferson Campos – Rio Grande do Norte

- 37 **Cordel é literatura só do Nordeste?**
Xilogravura de Francorli – Ceará
- 41 **Há cordel nas redes sociais?**
Xilogravura de Maércio Lopes – Ceará
- 45 **O cordel dialoga com outras artes?**
Xilogravura de Kelmara Castro – Pernambuco
- 49 **Por que o cordel na escola?**
Xilogravura de Maércio Lopes – Ceará

UM PREFÁCIO CORDELIZADO

Izabel Nascimento

I

Apresentar esta obra
É tarefa relevante
Primeiro porque o tema
Se faz tão interessante
Que prova por A mais B:
O cordel é um gigante!

II

Segundo porque este livro
Está sendo organizado
Por quem na Literatura
Já pesquisou um bocado
Uma história assim, só pode
Ter brilhante resultado.

III

Então, eu fui convidada
“Apresentar em Cordel”
Um trabalho que é fruto
Da caneta e do papel
Nas mãos de Alberto Roiphe,
Rosilene Pimentel.

IV

Além de grandes amigos,
Brilhantes pesquisadores
Dedicando este trabalho
Aos colegas Professores
E nos jardins literários
Hão de colher belas flores.

V

Porque o cordel amplia
Seu espaço geográfico
De maneira criativa
A partir do Infográfico
De caráter pioneiro
Apresentam: **XILOGRÁFICO**.

VI

Infografia é usada
Para as apresentações
Tendo o uso de imagens
Transmitindo informações
Junto ao conteúdo escrito
Une as interpretações.

VII
Desse modo, o Infográfico
Deu as mãos à poesia
Chamou a Xilogravura
Para entrar em sintonia
Nos caminhos que entrelaçam
Cultura e Pedagogia.

VIII
Uma obra que abre portas
Usando palavra, imagem
Traz os aspectos históricos
Para compor a mensagem
Proporcionando ao cordel
Espaços de aprendizagem.

IX
Professoras, professores
De tantas realidades
Poderão ler, neste livro
Propostas de atividades
Com cordel para estudantes
Das mais diversas idades.

X
A quem ama a poesia,
Quem valoriza a cultura,
Quem deseja ver a vida
À luz da literatura,
A quem veio até aqui:
Desejo boa leitura!

XILOGRÁFICOS

para ensinar e para aprender

Os textos que compõem este livro são o resultado de décadas de pesquisas relacionadas à literatura de cordel. Pesquisas que partiram de nossos interesses por esta manifestação artístico-literária, ao longo de nossos processos formativos, envolvendo leituras pessoais e estudos no âmbito de nossos cursos de graduação e da pós-graduação.

Tendo origem nas nossas vidas pessoais e nas nossas pesquisas, a literatura de cordel se refletiu ainda mais na atuação como docentes, em diferentes disciplinas relativas ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa e de literatura dos cursos de Letras e de Pedagogia de diferentes universidades públicas e privadas.

No campo da extensão universitária, a experiência com a literatura de cordel foi se aprimorando por meio de diferentes projetos de leitura, sobretudo com professores, tanto em sua formação inicial como em sua formação, sempre, continuada, sendo necessário considerar ainda os minicursos e oficinas que ministramos em diferentes universidades do país.

Levando em conta essas trajetórias, reunimos neste livro textos que pudessem contribuir para a difu-

são de nossos trabalhos com a literatura de cordel, a fim de que outros professores também usufríssem de nossas experiências. E, por este viés, encontrem informações, despertem para novos processos de investigação e discussões sobre o cordel, para o uso mais assertivo no contexto escolar.

Para tanto, apresentamos, nesta publicação, um mecanismo que, a nosso ver, amplia discussões sobre o cordel. Trata-se do **XILOGRÁFICO**, isto é, um gráfico por nós concebido, tanto na linguagem visual quanto na linguagem verbal, e elaborado por meio de xilogravuras por diferentes artistas de variados estados do nosso país.

O que motivou a criação dos xilográficos foi um conjunto de questões recorrentes, quando o folheto de cordel está presente no centro do processo de ensino-aprendizagem, algumas delas sugeridas pela cordelista sergipana Izabel Nascimento: “Como surgiu o cordel?”, “Como se faz um cordel?”, “Cordel é repente?”, “Cordel é xilogravura?”, “Cordel é declamação?”, “Mulheres fazem cordel?”, “Cordel é literatura só do Nordeste?”, “Há cordel nas redes sociais?”, “O cordel dialoga com outras artes?”, “Por que o cordel na escola?”. Essas questões, or-

ganizadas em xilográficos, acreditamos, poderão ampliar discussões, gerar ideias e até provocar outras questões a respeito da literatura de cordel.

Sendo assim, trazemos diferentes posições sobre essa expressão artístico-literária com a intenção de não hierarquizar saberes, mas oferecendo aos professores-leitores autonomia para escolherem o xilográfico a partir do qual queiram desenvolver suas aulas e, conseqüentemente, suas reflexões com os estudantes.

Para continuidade do processo de ensino-aprendizagem, nas páginas seguintes aos xilográficos do livro há **SUGESTÕES DE ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS** também para o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula, e para além dela, buscando contribuir para que professores, em sua formação inicial e continuada, desenvolvam seus projetos em diferentes segmentos de ensino com autonomia.

Alberto Roiphe
Rosilene Pimentel

COMO SURTIU O CORDEL?

Sebastião Nunes Batista (1977) apresenta, na obra Antologia da Literatura de Cordel, os nomes dos primeiros poetas de nossa literatura popular em verso, caracterizando as origens do cordel nordestino: Agostinho Nunes da Costa (1797-1859), Nicandro Nunes da Costa (1829-1918), Bernardo Nogueira (1832-1895), Ugulino Nunes da Costa (1832-1895), Francisco Romano (1840-1891), Germano da Lagoa (1842-1882), Manuel Cabeceira (1845-1882) e Silvino Pirauá de Lima (1848-1913), que teria dado início ao romance em verso, a "História de Zezinho e Mariquinha e a "História do Capitão do Navio.

José Bernardo da Silva seguiu o exemplo de João Martins de Athayde e fundou a Tipografia São Francisco (atual Lira Nordestina), na cidade de Juazeiro do Norte, estado do Ceará, produzindo um grande número de folhetos a partir da década de 1940. Nas décadas seguintes, outros poetas fundaram editoras e passaram a imprimir e comercializar os próprios folhetos e também de outros autores, tal como Pedro Batista e Manuel Camilo dos Santos em Guarabira, na Paraíba; e do alagoano Rodolfo Coelho Cavalcanti em Salvador.

Há dois posicionamentos com relação à origem histórica da literatura de cordel no Brasil. Por um lado, há estudiosos que defendem a origem do folheto, tanto no que se refere ao seu tema quanto no que se refere às suas formas poéticas, em Portugal. Por outro lado, há estudiosos que defendem a origem do folheto brasileiro a partir do hibridismo cultural entre as cantorias da Serra dos Teixeira, no estado da Paraíba, que começaram a ser registradas por escrito pelo poeta Leandro Gomes de Barros, e os romances que foram trazidos, paralelamente, de Portugal. Diferentes posicionamentos teóricos são frutíferos, enriquecem a nossa história cultural e podem gerar diversas pesquisas a respeito da literatura de cordel brasileira.



Leandro Gomes de Barros (1865–1918) foi o poeta que difundiu a literatura de cordel por todo o país.

Sobre a relação entre os folhetos de cordel brasileiro e aqueles já existentes em Portugal, Câmara Cascudo atesta, em sua obra *Cinco livros do povo: introdução ao estudo da narrativa popular no Brasil*, que as primeiras narrativas populares presentes no Brasil foram: “História da Donzela Teodora”, “História da Princesa Magalona”, “História de Roberto do Diabo”, “História da Princesa Porcina” e “História de João de Calais”. Existia ainda em Portugal o teatro em cordel, que era chamado de “Entremez” (CESARINY, 1983).

João Martins de Athayde foi o maior produtor de folhetos de cordel, nos anos de 1920, após adquirir o acervo de Leandro Gomes de Barros.

COMO SE FAZ UM CORDEL?

□ folheto de cordel é um gênero que se constitui verbo-visualmente e que, portanto, assim deve ser lido, considerando-se a linguagem verbal de seu título e de suas estrofes e a linguagem visual de sua capa, caracterizada prioritariamente pelo desenho, pela xilogravura ou pela fotografia. (ROIPHE, 2011).

Na capa de um folheto de cordel é que se encontra a linguagem visual que o constitui. Geralmente, o poeta encomenda a imagem para desenhistas, xilógrafos e fotógrafos. Entretanto, há poetas que, além de artistas da palavra, são artistas da imagem, isto é, produzem suas próprias capas. É como ocorre com J. Borges.

No processo de preparação das xilogravuras, o artista desenha de forma espelhada sobre uma placa de madeira para, em seguida, realizar os cortes por meio de goivas e outros objetos cortantes ou que contribuam para marcar a sua superfície, como pregos, filetes de metal, parafusos etc.

Para a impressão, o xilógrafo necessita entintar a superfície da madeira onde o entalhe foi realizado para que, em seguida, seja possível sobre ela colocar uma folha de papel e transferir a tinta para a folha.

Para a inserção de uma fotografia na capa, são utilizadas cópias xerográficas ou impressões em equipamentos multifuncionais após a digitalização da imagem em programas digitais.

Um folheto de cordel abriga múltiplas variações linguísticas, como já observava o escritor modernista Mário de Andrade a partir dos estudos dos exemplares de sua coleção (hoje denominada “Fundo Villa-Lobos”) e também na sua *Gramáticazinha da fala brasileira* (ROIPHE, 2016a, 2016b). Em termo de língua, não há “certo” ou “errado”, há diferenças de uso em virtude do contexto histórico, sociocultural e geográfico de seus falantes. Essas variações enriquecem a língua portuguesa e permitem ampliar os sentidos da leitura, sobretudo quando se observa a contribuição de registros fonológicos, morfológicos, sintáticos, estilísticos, dentre tantos outros, em um folheto de cordel.

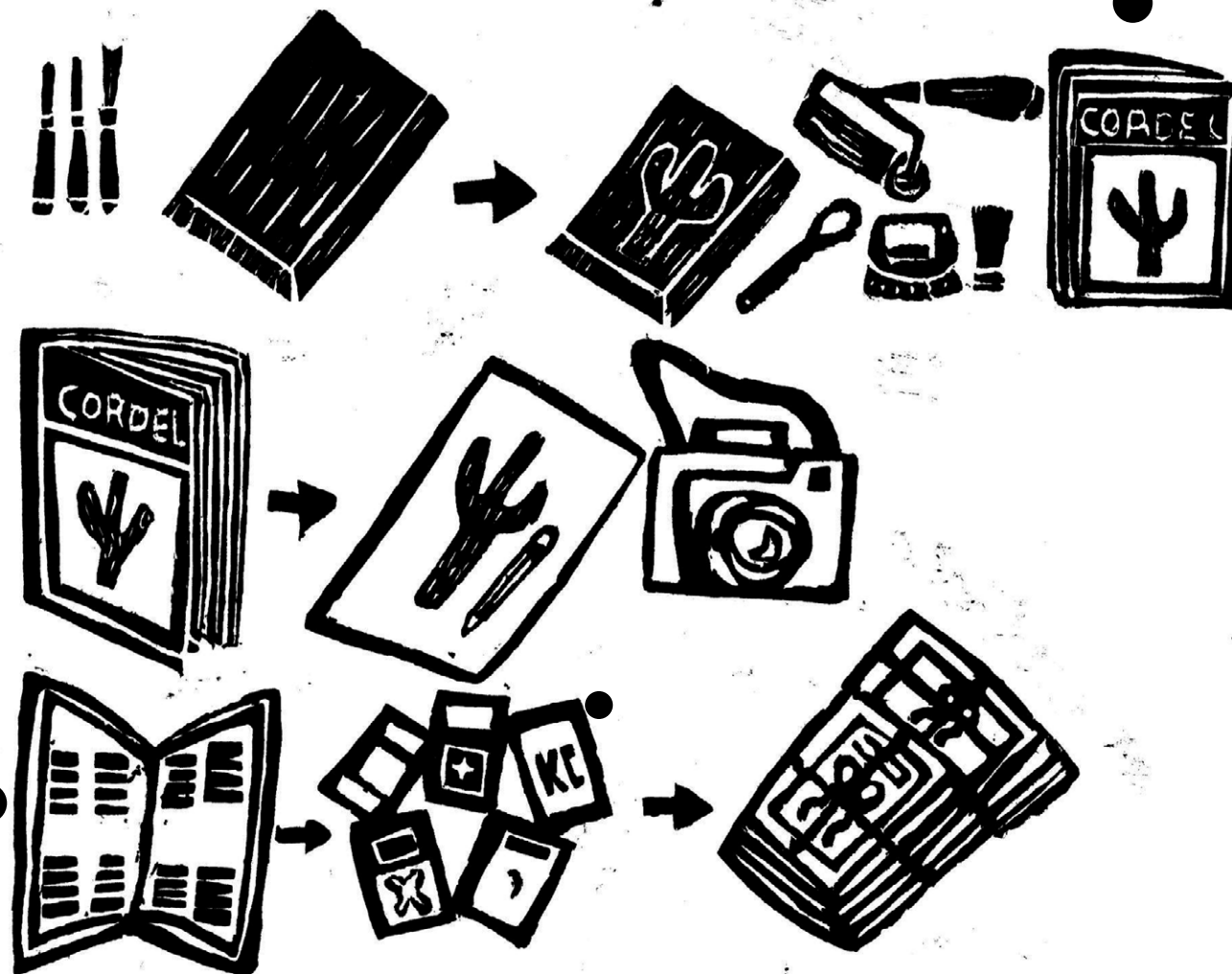
Uma antologia de cordel é uma seleção de folhetos que pode ser escolhida a partir de um tema, a partir de um autor, a partir de uma época comum ou de outros critérios determinados pelo organizador.

Não existem apenas cordéis narrativos. Há também cordéis predominantemente descritivos, como as gramáticas em cordel, os dicionários em cordel, os glossários em cordel etc. É fundamental analisar, nesses casos, até que ponto o folheto perde o seu caráter literário, devido à função didática que passa a apresentar. (ROIPHE, 2014; ROIPHE et al, 2018)

Na literatura de cordel, diferentes estruturas já foram determinadas até de acordo com o número de páginas dos folhetos, como atesta Eno Theodoro Wanke (1983): os de oito páginas, com impressão dos dois lados de uma folha de papel, dobrada em quatro, medindo aproximadamente 16cm x 11cm, eram aqueles que abordavam diversificados temas circunstanciais; os de dezesseis páginas, feitos em duas folhas, eram os romances; os de trinta e duas, em quatro, histórias; sendo todos, com o passar do tempo, denominados folhetos. Nessa época, os cordéis eram impressos em máquinas tipográficas manuais. Hoje, são, na maior parte, digitados em microcomputadores e impressos em equipamentos multifuncionais.

Na antologia intitulada *Das Neves Às Nuvens, I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano* (2018), organizada por Daniela Bento e Izabel Nascimento, revela-se o pioneirismo de uma seleção de cordéis escritos por dezessete mulheres cordelistas de diferentes regiões do país. São elas: Alaíde Souza Costa, Alda Santos Cruz, Ana de Araújo Reis, Ana Maria Nunes Peixoto, Ana Santana do Nascimento, Daiene Sacramento de Jesus, Denilsa de Oliveira Santos, Erika de Jesus Santos, Isis Gabrielle Silva da Penha, Isis Isabela Alves dos Santos, Joelma Martins, Maria Salette da Costa Nascimento, Mariana Celestina Felix Bezerra, Nilza Francisca do Nascimento e Quitéria Gomes Pereira.

Imagens são inseridas na capa de um folheto de cordel, geralmente, depois que a parte verbal é elaborada. Há, entretanto, xilogravuras que dão origem a uma narrativa. É o caso do folheto “A chegada da prostituta no céu”, de J. Borges, que teve a xilogravura de sua própria autoria como incentivo para a criação da história, já que a obra verbal despertou o interesse do público. (ROIPHE, 2016a)



CORDEL É REPENTE?

É bastante comum em sala de aula e rodas de conversa sobre cordel a confusão e o questionamento se cordel é repente, se é cantoria, se é embolada... Essas dúvidas surgem pelo fato de essas expressões artísticas terem como base a poesia. Existem, porém, particularidades entre elas.

Essa parceria entre música e poesia é o que, possivelmente, gera a dúvida. Afinal, “são inúmeros os cordéis que aceitam com facilidade a realização musical” e os folhetos escritos que, inicialmente, nasceram “para serem lidos ou recitados”, recebem “melodia”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 83). E, repentista também compõe suas estrofes improvisadas, seguindo uma estrutura que pode ser apresentada de diversas formas e modalidades, dentre as quais: o martelo agalopado, o galope à beira-mar, o gabinete, a sextilha etc.

A representatividade da arte do repente esteve ao longo do tempo mais associada aos homens do que às mulheres. Um processo semelhante ao do cordel que, historicamente em seus registros, não evidenciou, e por muitas vezes ignorou, a presença feminina em sua produção. São marcantes os trabalhos das repentistas como Anita Catota, de Pernambuco; Chica Barrosa, da Bahia; Diassis, do Rio Grande do Norte; Elpídia Moraes, da Paraíba, dentre outras.

O coco de embolada, como explica José Alves Sobrinho (2003), é um outro tipo de desafio. Uma peleja entre dois emboladores que, ao ritmo de pandeiros, cantam alternadamente. A estrutura de um coco de embolada é caracterizada, tradicionalmente, por duas partes. A primeira é a embolada curta, em que o primeiro e o segundo emboladores utilizam-se de quadras (estrofes de quatro versos ou quatro pés) para se desafiar de forma improvisada sobre um tema. A segunda parte é a embolada corrida. É quando os dois emboladores se utilizam de duas emboladas curtas, isto é, de duas estrofes de quatro versos diretamente, oito pés portanto. As paraibanas Terezinha e Lindalva e os pernambucanos Caju e Castanha são exemplos de duplas de emboladores.



O cordel é uma construção escrita em versos e rimas, obedecendo a uma métrica determinada, e pautada em um tema, ou seja, um trabalho minucioso com as palavras que recorre à pesquisa do objeto ao qual os poetas se propõem a escrever em forma de romance, de peleja, de relato de acontecimentos... que revelam diferentes estilos. Além disso, o folheto de cordel é constituído por uma imagem presente em sua capa.

O repente também obedece a critérios semelhantes ao cordel na composição de versos, rimas e métrica. Mas se diferencia do cordel por ser poesia oral cantada, criada a partir do improviso, tendo como base um instrumento musical (os mais frequentes são a viola e o pandeiro). O improviso se configura pela sugestão de temas pelos ouvintes em eventos de cantoria ou pela inspiração do poeta, que sozinho ou em duplas, surpreendem o público.

O caráter oralizado e performático da poesia de Patativa do Assaré é associado, de forma recorrente, à literatura de cordel. Patativa, de fato, escreveu cordéis, dentre os quais: “Saudação ao Juazeiro do Norte”, “Vicença e Sofia ou o castigo de mamãe”, “Antônio Conselheiro”, “Brosogó, Militão e o diabo” e “História de Aladim e a lâmpada maravilhosa”. Um dos estudiosos de sua obra, Gilmar de Carvalho (2001), lembra que, na poética de Patativa do Assaré, a oralidade se cristalizou, em virtude de sua experiência formativa na cantoria. Consequentemente, Gilmar de Carvalho observa que sua poesia “popular”, fazendo ressalvas ao adjetivo, é para ser dita e ouvida, que sua poesia é performática, como se atesta também na dimensão impressa de obras como Cante lá que eu canto cá, Ispinho e fulô e Aqui tem coisa.

CORDEL É XILOGRAVURA?

□ folhetodecordelapresenta três formas prioritárias de expressão visual em suas capas: o desenho, a xilogravura e a fotografia. Há, entretanto, variações, trazendo desenhos preparados em sistemas de informática e fotomontagens realizadas manualmente ou com auxílio de ferramentas digitais. É fundamental que, durante a leitura de um folheto de cordel, considerem-se o texto verbal e o texto visual. (ROIPHE, 2013)

Metalinguisticamente, este livro que você está lendo é constituído por xilográficos, isto é, xilogravuras informativas que apresentam a diversidade no corte da madeira pelos artistas convidados: Erivaldo Ferreira da Silva (RJ), Francorli (CE), Jefferson Campos (RN), Kelmara Castro (PE), Lucélia Borges (SP), Maércio Lopes (CE) e Mestre Lainha (BA).

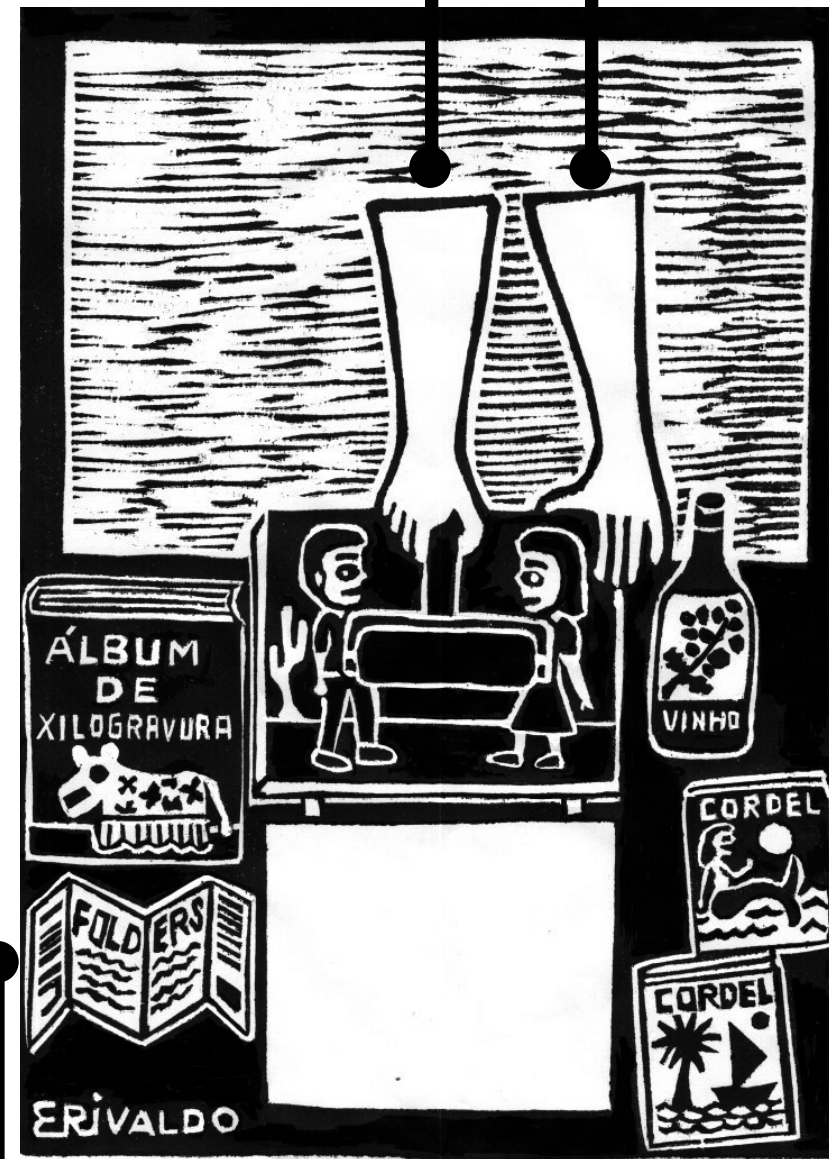
Um das formas tradicionais da linguagem visual na capa do folheto de cordel é a xilogravura, isto é, a gravura elaborada em madeira. Entretanto, existem as xilogravuras independentes do folheto de cordel. São aquelas criadas para caracterizar uma série de imagens sobre um determinado tema. Essas séries de xilogravura são chamadas de "Álbuns".

Um exemplo de álbum, essa iniciativa de artistas revelando suas composições em diferentes temáticas, é a obra "Farinhada", de Enéias Tavares Santos (1977). Nesse caso, a xilogravura é o centro do trabalho, mas existem pequenas estrofes entre uma imagem e outra. O processo de ilustração de um álbum, portanto, parece oposto ao processo de ilustração de um livro, o elemento central é a imagem, que têm como tema o processo de produção da farinha. Os versos, por sua vez, é que ilustram as xilogravuras, tais como nesta sextilha:

Não é tarefa tão fácil
A de uma farinhada...
Primeiro arrancam a mandioca
Da terra onde foi plantada
Porém o pobre roceiro
Fica de mão calejada. (SANTOS, 1977)

No processo de criação de J. Borges, de Bezerras, no estado de Pernambuco, encontram-se xilogravuras desvinculadas dos folhetos de cordel. O xilógrafo se utiliza de diferentes cores para imprimir um mesmo trabalho. Outra particularidade presente nas xilogravuras de J. Borges é uma faixa horizontal na base da imagem, em que se encontram a sua assinatura, "J. Borges", e o título do trabalho: "Céu estrelado"; "Forró pé de serra", "O contador de mentiras" etc.

Abraão Batista, de Juazeiro do Norte, no Ceará, denominou "paralelas vivenciais" os traços secundários que preenchem os espaços "vazios" de suas xilogravuras. Esses traços, como afirma Jeová Franklin, "imprimem movimento à gravura, procurando refletir a reverberação sempre presente na paisagem ensolarada do Sertão" (2002, p. 14).



Há propagandas em xilogravuras impressas também na quarta capa, isto é, na parte de trás de um folheto de cordel. Essas xilogravuras são, muitas vezes, acompanhadas de textos verbais.

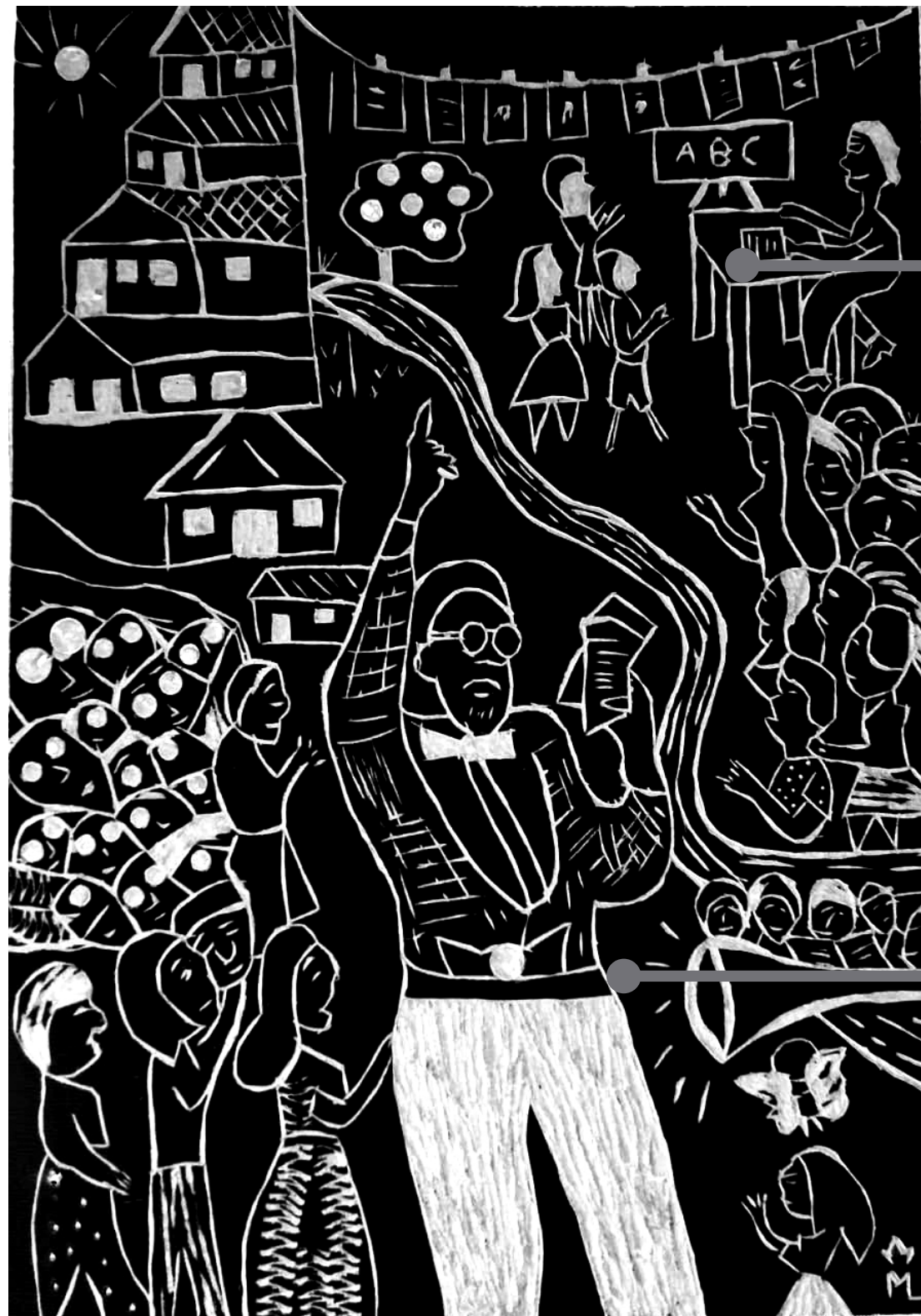
No processo de criação de "logotipos", é possível encontrar alguns que, após sua concepção gráfica, são construídos pelos artistas populares como xilogravuras, depois, voltam à digitalização e passam a ser chamados de objetos de "design popular", muito presentes em rótulos, por exemplo. Esses processos são, portanto, uma adaptação do que os artistas percebem em suas experiências com relação à mercadorias. Nesse ponto, pode-se dizer que a cultura de massa influencia a cultura popular, como revela Gilmar de Carvalho, em Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte - Ceará (s.d.)

O processo de criação de Mestre Dila, de Caruaru, em Pernambuco, revela xilogravuras e linogravuras, isto é, gravuras feitas em linóleo (borracha), o mesmo material utilizado em alguns tipos de carimbo. Além disso, o artista imprimia as capas de cordel em preto, em verde, em vermelho etc.

Há um processo paralelo entre a produção de xilogravuras para capas de folhetos de cordel e a produção de xilogravuras destinadas a outros fins, como a denominada xilogravura utilitária preparada para anúncios publicitários, por exemplo, funcionando como rótulo e como ilustração de anúncios de pequena circulação, como atesta Gilmar de Carvalho, em Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte - Ceará (s.d.), além da iconografia religiosa. Tradicionalmente, surgem, na região do Cariri, sul do Ceará, artistas como João Pereira, Damásio Paula, Mestre Noza, Antonio Batista, Manoel Lopes, Waldere do Gonçalves, Antonio Lino, Stênio Diniz, José Caboclo, Arlindo Marques, Francisco Zênio, Francorli, José Lourenço, dentre outros, fazendo uso de seu repertório cultural para a preparação das xilogravuras com diversas funções.

CORDEL É DECLAMAÇÃO?

"Ponto de inserção entre a oralidade e a escritura, a literatura de folhetos permite que a cena oral não se restrinja à voz, mas, muito mais que isso, se insinue como corpo e gesto. Daí o aspecto performático do poeta de cordel que, com voz e gestos, faz a coreografia de suas narrativas". (MATOS, 2004, p. 49)



Ainda que o folheto de cordel se caracterize pela linguagem verbal de seus versos e pela linguagem visual de suas capas, partir para práticas orais e gestuais poderá contribuir para a evidência de algumas construções presentes no texto, tanto no âmbito de ambientes culturalmente voltados para apresentações como no ambiente escolar.

O folheto de cordel brasileiro, devido à sua origem marcada pela oralidade da cantoria, se caracteriza com essas marcas no texto escrito, o que o estudioso Paul Zumthor (1997) denomina “oralidade mista”. Por esse motivo, ao longo da história da literatura de cordel, notam-se poetas que têm tendência para a realização da leitura de seus folhetos em voz alta. Essa leitura, como também afirma Paul Zumthor, se manifesta pelo jogo cênico.

O baiano Cuíca de Santo Amaro é um exemplo de poeta que lia os seus folhetos em voz alta, vestindo-se de fraque e cartola e utilizando, por vezes, um megafone, a ponto de ser retratado no filme “A grande feira”, de Roberto Pires, em 1961.

Por um lado, é possível considerar o efeito propagandístico dos folhetos, quando um poeta se manifesta performaticamente. Por outro lado, como afirma Edilene Matos, nessas ocasiões passa a haver um “fator determinante e facilitador da leitura”, já que “a imagem propõe uma interpretação e indica, ao direcionar o olhar, o sentido do relato, facilitando a memorização”. (MATOS, 2004, p. 63)

MULHERES FAZEM CORDEL?

Como diria Orígenes Lessa, o cordel é veículo de interpretação e defesa dos interesses, dos problemas e dos protestos populares. "Daí sua espantosa sobrevivência numa luta desigual contra poderosos e sofisticados veículos de massa que disputam seu humilde mercado." (LESSA, 1983, p. 2). O poeta está sempre alerta aos inimigos da sociedade. Entretanto, não significa que não haja textos preconceituosos no cordel. É aí que cabe analisá-los, sempre antes de levá-los à sala de aula, para discuti-los, ou até para escolher não levá-los à sala de aula, o professor faz a sua seleção, faz a sua própria antologia.

Em 2018, para celebrar os 80 anos da primeira publicação feminina e homenagear a matriarca do cordel, as poetas Daniela Bento e Izabel Nascimento (2018) publicam a Antologia *Das Neves Às Nuvens, I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano*, na qual dezessete mulheres, nascidas ou radicadas em Sergipe, escrevem suas trajetórias dentro do gênero literário.



Dentre obras que se destacam no combate ao preconceito está o conhecido *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes (2017). Trata-se de uma obra que reúne em livro particularidades das biografias de Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Esperança Garcia, Eva Maria Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa-Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba. Valoriza a memória de protagonistas negras silenciadas pelo racismo e pelo machismo. A cordelista Isis da Penha denuncia a violência em *Quando a palavra fere estruturas, Violência Linguística* (2020). Daniela Bento também denuncia em duas obras, *Machismo, o que precisa mudar* (2019) e *Amores di (Versos)* (2020), o machismo e a homofobia, respectivamente, na sociedade brasileira.

A produção da cordelista Josenir Lacerda, do Crato, no Ceará, é uma das mais significativas de todo o Nordeste brasileiro, apresentando importantes variações temáticas e composicionais desde a década de 1990.

Há muitas mulheres da literatura de cordel. A trajetória feminina no cordel, ao que se tem notícia, data de 1938, quando Maria Batista das Neves Pimentel, filha do poeta e editor de cordel Francisco das Chagas Batista, publica “O violino do diabo ou o valor da honestidade”. A obra, na ocasião, foi assinada por Altino Alagoano, seu esposo.

CORDEL É LITERATURA SÓ DO NORDESTE?

A literatura de cordel tem sua origem no Nordeste, entretanto ela está presente em todo o Brasil. Isso ocorre tanto em virtude da migração de brasileiros entre as regiões do país quanto pelo interesse que essa expressão literária desperta.

É possível seguir uma trajetória cronológica e encontrar cordéis que tratam de diversos fatos históricos. Em *História do Brasil em Cordel*, Marl Curran (1998), para além de Canudos e da República Velha, caminha até a década de 1990, anunciando crônicas populares, dado o ponto de vista de seus autores, observando uma história não oficial e, ao mesmo tempo, dando atenção a aspectos da linguagem verbal dos folhetos. Dentre o levantamento realizado pelo autor, estão:

uma breve pesquisa sobre o tópico levantado no folheto, evidenciando “quem, o quê, quando, onde, como e o porquê de sua história”;

um questionamento sobre o título do folheto, observando se ele antecipa algo sobre o texto; Se anuncia personagens, ações, estruturas textuais; Se revela a perspectiva do autor; Se apresenta os personagens das histórias, incluindo as suas caracterizações nos folhetos;

Qual é a voz narrativa presente no folheto; Se é uma voz em primeira pessoa, de alguém que participou da história ou que a de quem a testemunhou; Se é uma voz em terceira pessoa, de alguém que ouviu falar ou que até domina todo o acontecimento.

Todos esses elementos da narrativa contribuem para se avaliar os lugares de fala ali presentes e, portanto, elucidar a perspectiva que quem efetivamente conta a história.



Em razão da origem nordestina da literatura de cordel, os temas veiculados nos folhetos, dizem respeito, por exemplo, a registros de fatos históricos ocorridos na região. É como atesta José Calasans, em *Canudos na Literatura de Cordel* (1984), obra que que o autor estuda diversas versões da Guerra de Canudos e, especificamente, textos biográficos sobre Antonio Conselheiro, presentes em folhetos de cordel, oferecendo a possibilidade de análise da relação entre ficção e realidade, não de forma dicotômica, mas mostrando que a literatura conciliará as duas, trazendo-as ao imaginário.

HÁ CORDEL NAS REDES SOCIAIS?

Para se conhecer um grande número de folhetos de cordel nas décadas passadas, o pesquisador era, quase sempre, um colecionador, isto é, selecionava e adquiria o que era possível, a fim de investigar a particularidade de cada exemplar. Hoje, são encontrados acervos materiais e digitais, permitindo o acesso a muito mais folhetos de diferentes modalidades.

Entre as décadas de 1940 e 1950, o cordel já foi pensado como folkmídia, uma forma híbrida de ficção e jornalismo, “um processo simplificado e democrático de produção e difusão da mensagem” (FRANKLIN, 2002, p. 3), já que a “literatura popular, em forma de notícia ou de entretenimento, conquistou domínio absoluto no isolado e marginalizado sertão, onde até o rádio enfrentava dificuldade de penetração” (FRANKLIN, 2002, p. 3), mas, ao mesmo tempo, era uma ameaça ao sucesso do cordel. Nas décadas seguintes, a televisão passou a ser essa ameaça.

Na década de 1990, mesmo permanecendo na forma impressa, o cordel passou a ser veiculado também pela internet. Foram disponibilizados acervos de folhetos digitalizados e pesquisas acadêmicas sobre a literatura de cordel. Paralelamente, procedimentos lúdicos, como pejeas virtuais, também passaram a ocorrer.



Na década de 2010, o cordel passou a ser veiculado em redes sociais, tornando-se ainda mais conhecido.

Na década de 2020, o podcast se tornou uma forma de divulgação de diferentes folhetos de cordel em áudio.

Com o surgimento da Internet e o advento das redes sociais, o cordel alcançou um largo caminho, criando no universo virtual um palco poético de interação entre poetas e destes com seu público, fortalecendo organizações representativas e aprimorando o trabalho em toda cadeia produtiva. Dos poemas escritos, de forma individual e coletiva, publicados nas redes aos programas com transmissão ao vivo, a exemplo do Encontro com o Cordel (2017), com Varneci Nascimento; Cordel de Quinta (2018), com Izabel Nascimento; Sexta ponto Com Poesia (2018), com Luiz Ademar; O Cordel em Movimento (2021), pela Estação do Cordel e o Quartas por Qu4tro (2021), organizado pelos poetas Du Leal, Jadson Lima e Sheilla Virginia; o cordel reafirma a sua versatilidade comunicativa e amplia fortemente os seus acessos.

O CORDEL DIALOGA COM OUTRAS ARTES?

□ *que surge primeiro a palavra ou a imagem? Isto é, o folheto de cordel é escrito e depois é feita uma capa para acompanhá-lo ou primeiro é feita uma capa para que depois exista a parte escrita. No folheto de cordel, os dois processos ocorrem, basta para isso nos lembrarmos do folheto "A chegada da prostituta no céu", de J. Borges, cuja xilogravura motivou a escrita da narrativa que contém o mesmo nome. Sendo assim, não é possível crer que um folheto de cordel tenha sido sempre "ilustrado", isto é, nem sempre a arte da capa surge depois da escrita do folheto como mera ilustração.*

São diversas as adaptações da literatura (dita) erudita para o cordel. São obras tanto da literatura brasileira quanto da literatura estrangeira. Da literatura estrangeira, por exemplo, é possível encontrar clássicos como O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, que tem como cenário, na adaptação do poeta Josué Limeira (2015) e do ilustrador Vladimir Barros denominada O Pequeno Príncipe em cordel, o sertão do Nordeste brasileiro. São formas de reconhecer uma história lida em outra, de perceber as possibilidades de intertextualidade para professores e de adaptações para diversas artes.

Por que não pensar em produções de outras áreas? A peleja do alecrim com o coentro e outros causos culinários: receitas e cordel, de Tatiana Damberg (2007), é uma obra da área gastronômica, repleto de receitas, mas também repleto de poemas de cordel. Em geral, são os textos de cordel que abrem as seções do livro, apresentando a possibilidade de união de ingredientes como no caso d'“O casamento da carne-seca com a abóbora”, em que:

Os amigos já diziam
Sabiam o resultado.
Os dois nem se conheciam
E o destino era fadado.
Carne-seca e jerimum
Foram feitos pra ser um
Falta serem apresentados.
(DAMBERG, 2007, p. 59)



Uma das manifestações do fantástico no cordel é a metamorfose que ocorre com os personagens. Segundo Edilene Matos (1986), há dois aspectos para caracterizar a metamorfose: a punição ou o encantamento. O primeiro, segundo a estudiosa, é dominante na literatura de cordel, quando, por exemplo, um personagem moralmente punido pode ser transformado em bicho. O segundo ocorre em geral quando o folheto de cordel adapta um conto de fadas.

No que se refere ao cinema, filmes como “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, de Glauber Rocha, na época do Cinema Novo, evidenciam a estética do cordel, anunciando já em seus títulos o caráter de desafio entre diferentes personagens, assim como “O auto da Compadecida”, obra de Ariano Suassuna que, inspirado na literatura de cordel, a estruturou como peça teatral, peça esta que foi adaptada ao cinema e, em seguida, foi transformada em série televisiva.

Há autores consagrados da dita alta literatura que sentem a necessidade da criação de folhetos de cordel. É o caso de Ferreira Gullar, que, em seu processo de criação, enveredou pela literatura, pelas artes visuais, pela crítica de arte etc. No início da década de 1960, Ferreira Gullar escreveu quatro folhetos de cordel, quando atuava no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE): “João Boa-Morte, cabra marcado pra morrer”, “Quem matou Aparecida”, “História de um valente” e “Peleja de Zé Molesta com Tio Sam”, todos eles a partir de motivações políticas, e que hoje se encontram reunidos na obra Romances de Cordel (GULLAR, 2009), com ilustrações de Ciro Fernandes.

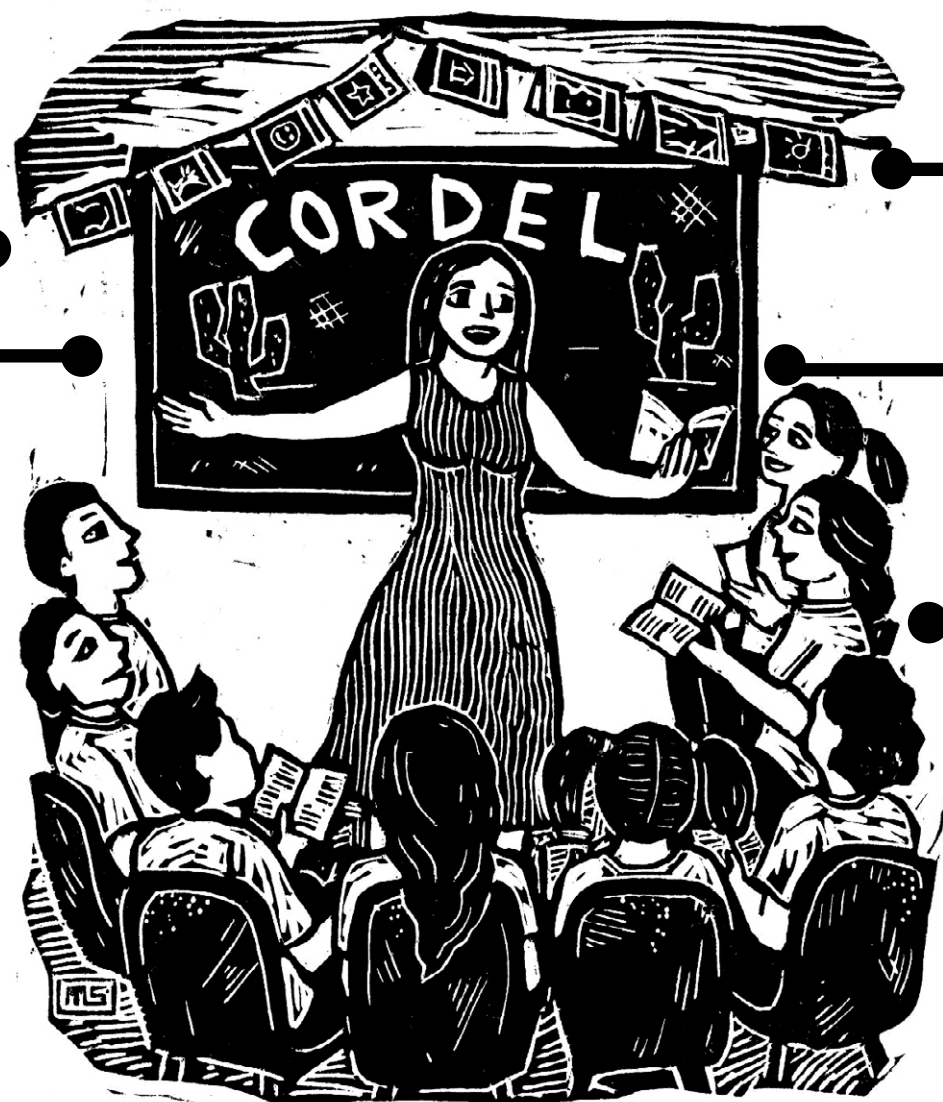
Além do cinema, é recorrente a ideia de que o rádio e a televisão tomariam o lugar do cordel devido ao grande alcance desses meios de comunicação. O cordel, entretanto, além de se manter circulando socialmente em paralelo a esses instrumentos de difusão, tem, na verdade, a sua estética divulgada pelo próprio rádio e pela própria televisão, cujas contribuições se fazem presentes em depoimentos de cordelistas e de xilógrafos entrevistados em áudio e em vídeo e por meio da divulgação dos próprios folhetos de cordel de diferentes autores.

POR QUE CORDEL NA ESCOLA?

A grandeza da criação e da representatividade do Cordel no cenário literário, artístico e cultural brasileiro justificam e validam a necessidade de sua presença nas práticas didático-pedagógicas. O contato dos alunos com o Cordel no âmbito escolar fortalece o seu valor estético, propiciando uma experiência literária e cultural que evidencia as potencialidades da linguagem constituída de saberes sobre o homem e o mundo. Além disso, ao estabelecermos a interação entre os alunos e o Cordel, incentivamos que eles identifiquem e valorizem a diversidade da nossa cultura, além de estimularmos o interesse deles pelo mundo da leitura, conduzindo-os a perceberem as possibilidades de um texto literário, colaborando na formação de leitores críticos e aprimorando a produção da escrita em língua materna.

A composição do folheto de Cordel se origina da experiência da realidade e se concretiza de forma objetiva no trabalho artístico do(a) cordelista, através de uma singular forma de expressão, que ressalta “o dinamismo da cultura, o poder que tem de se renovar, de recriar velhos e significativos temas”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.70). Outro ponto que se pode observar nos folhetos é a apresentação de narrativas autênticas, permeadas pelo humor e pela ironia. Porém, como em outras expressões literárias – além de trazer a denúncia de injustiças sociais, personagens históricas, personagens que se utilizam de subterfúgios e espertezas, viagens, narrativas de amores inusitados ou impossíveis e bichos que falam – os folhetos também podem apresentar conotações preconceituosas, que devem ser identificadas e analisadas quando fazemos a seleção deles para a utilização na escola. No entanto, esse processo não significa que a ação docente seja de censura, mas de análise para refletir com os estudantes sobre estereótipos, tempo-espácio da criação e concepções de mundo presentes nas temáticas abordadas.

É preciso romper o paradigma de que o local de trabalho com o Cordel é somente a sala de aula, pois diferentes espaços na escola podem e devem ser utilizados como campo de experiências e vivências da arte e da literatura de Cordel. A atuação docente, nesse sentido, desperta a percepção dos estudantes em relação ao papel humanizador da literatura, fortalece a leitura literária na escola como uma ferramenta facilitadora do processo de ensino e aprendizagem. Ademais, melhora os resultados de aproveitamento do rendimento escolar e a forma como eles percebem a vida, as pessoas da comunidade escolar e o meio em que vivem. Isto ocorre porque o Cordel é uma arte e como toda arte de valor possui papel relevante e sempre necessário na sociedade. E neste contato com a arte, o homem conhece, reflete e muda o seu mundo.



O estilo peculiar do Cordel para retratar a vida cotidiana e os dilemas sociais presentes na realidade concreta estabelece conexão entre o cordelista e seus leitores, por meio de uma abordagem artística que valoriza as raízes culturais e fortalece a construção da identidade de um povo. E, em virtude da realização desse autêntico trabalho de arte em cada canto de nosso país, o Cordel recebeu, em 2018, o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, tendo seu registro no Livro das Formas de Expressão.

Ao refletir sobre a prática pedagógica com o Cordel na escola, é preciso antes de tudo compreender que o repertório cultural dos folhetos de Cordel não deve apenas estar presente no planejamento docente ou escolar como um gênero a conhecer e observar, pois é necessário ir além do mero uso informativo e recorrer a um procedimento metodológico que seja norteador para o trabalho com o cordel, no intuito de favorecer “o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.126).

Personalizar o ensino e a aprendizagem com cordel para nossos estudantes requer um trabalho criterioso de planejamento, pautado em uma metodologia bem definida que vai além de uma simples apresentação do que é o Cordel e sua estrutura. Tendo em vista que a aprendizagem precisa fazer sentido, ou seja, ser significativa para o aluno, devemos priorizar uma metodologia que favoreça o protagonismo, desperte neles o interesse, a curiosidade e a identificação, para que o encontro ou reencontro com o cordel aconteça intermediado por estratégias pedagógicas que promovam também a identificação do valor do gênero e seu reconhecimento como um bem cultural essencial.

O título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil foi, sem dúvida, uma grande conquista. No Dossiê apresentado ao Iphan, encontramos informações elucidativas que enfatizam e validam o título recebido. Trata-se de um documento de pesquisa muito rico sobre cordel para professores e alunos. Inclusive, em tópico específico, traz o cordel na escola, enfatizando este espaço novo de atuação de cordelistas, que ministram oficinas, palestras, minicursos etc. Com efeito, o mercado editorial passou a adaptar folhetos de cordel para formatação de livro e lançou livros paradigmáticos de obras clássicas de literatura brasileira e estrangeira em cordel. No Dossiê, a literatura de cordel é mencionada como:

Um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil. (BRASÍLIA, 2019, p.16).

Nas atividades com o cordel na escola, o protagonismo do estudante não pode ser compreendido e disseminado como competência para criar narrativas em cordel. O fato de se conhecer a estrutura e criar rimas não é o suficiente para compor cordéis, pois o trato com este corpo literário requer habilidades específicas, pesquisa, talento e um burilar poético das palavras, combatendo inclusive a ideia distorcida de quem associa a composição desses versos pelo cordelista a uma linguagem coloquial muitas vezes representada com erros grosseiros em língua portuguesa como se eles fossem representantes da estrutura do Cordel. Cordel é arte da palavra, faz parte de nossa memória cultural e afetiva e precisa ser respeitado.

Ao ter contato com o cordel no contexto escolar, alguns estudantes despertam a veia artística, estabelecem conexão com o gênero e vão aos poucos amadurecendo seus versos, atribuindo a eles um estilo singular. Por outro lado, temos aqueles que ficam apenas no âmbito da experiência e da compreensão da natureza poética do cordel. De um jeito ou de outro, o principal é que o cordel esteja presente em diferentes espaços na escola, que seja disseminado e valorizado como bem cultural.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

No intuito de auxiliar o professor na escolha de atividades que melhor atendem aos seus objetivos didático-pedagógico, apresentamos a organização de uma sequência de seis temáticas: **Oralidade (ritmo), Palavras (rimas), Versos (métrica), Estrofe (oração), Poema e Poesia, e A História do Cordel**, contendo algumas sugestões de atividades pautadas em elementos que abarcam a estrutura do folheto de cordel, a fim de facilitar a sua tomada de decisão em relação ao caminho a ser trilhado com os estudantes da Educação Básica para estabelecer a vivência e a maturidade cultural necessária para o trabalho em sala de aula.

ORALIDADE

O Cordel tem uma de suas vertentes na oralidade. Então, quando planejamos inseri-lo no contexto da escola em nossas aulas é necessário reter atenção especial para o fato de que o cordel não é somente o texto escrito. Sendo assim, ao se propor o trabalho com o cordel nas séries iniciais ou em qualquer etapa da escolarização, é fundamental iniciar a sua inserção pela oralidade, percebendo a diferença entre ler um poema em voz alta e declamá-lo, levando-se em conta a expressividade necessária para uma experiência significativa.

A primeira atividade que sugerimos é apresentação de um vídeo que ressalte a presença de um poeta declamando para, então solicitar aos estudantes que observem as particularidades de uma declamação, tais como a postura, a respiração, a entona-

ção, o ritmo, a gestualidade, o espaço “cênico” etc. Em seguida, sugerimos que os estudantes realizem a leitura de um folheto de cordel em voz alta, fazendo uso dos recursos observados no declamador e, sobretudo, experimentando conhecer as possibilidades de sua própria voz.

Para aprenderem ainda mais, outra sugestão de atividade é a de orientar os estudantes em um processo de pesquisa acerca da diferença entre o papel do poeta e do declamador. Nesse ponto, uma analogia possível é aquela que caracteriza a relação entre compositor e o cantor, já que o papel do compositor é escrever a letra e a música e o papel do cantor é interpretar a canção. É preciso ressaltar ainda que, em algumas situações, uma única pessoa compõe e interpreta sua própria canção, como cordelistas que escrevem seus folhetos e também declamam. Isso contribui para que o estudante perceba que o declamador é o intérprete do poema, permitindo que reconheçam suas preferências com relação à escrita e à declamação, a fim de que possam realizar essas atividades em sala de aula.

PALAVRAS

Os primeiros passos no caminho a ser trilhado pelo professor que deseja trabalhar com o cordel na escola, principalmente nas séries iniciais, pode ocorrer por meio de exercícios com as rimas. Isso porque elas estão presentes em diversas manifestações culturais desde a infância dos estudantes, em

cantigas, parlendas, textos poéticos etc. Nesse caso, os próprios estudantes, à sua maneira, poderão contribuir para a percepção da musicalidade do folheto de cordel e facilitar o seu processo de memorização.

Uma atividade possível para se trabalhar com as rimas é o denominado “jogo de sílabas”, um jogo que, além de auxiliar na compreensão do processo de formação de palavras, permite que os estudantes observem a presença das rimas.

PA			PATO
MA	+	TO	= MATO
RA			RATO

Essa dinâmica pode ocorrer na sala de aula, no pátio, na quadra e em diversos espaços de ensino/aprendizagem. Para o seu desenvolvimento, organizando os estudantes em círculo, é possível estabelecer uma sequência de apresentação e explicar que cada um, na sua vez, dirá uma palavra que rime com aquela pronunciada pelo professor, sem que se possa repetir a escolha dos colegas.

Com estudantes das últimas séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, pode-se utilizar a estratégia de identificação das rimas em outros poemas, além do cordel, e em letras de música. Para tanto, é indicado que o professor sempre reúna poemas e letras de música, mas sugerimos também que os próprios estudantes selecionem produções de sua preferência. Isso contribuirá para que a atividade flua melhor, considerando-se os gostos pessoais dos estudantes. Outra opção é um “banco de rimas”. Trata-se de uma atividade que consiste no registro, por parte dos estudantes, de palavras que rimem.

VERSOS

Sabendo que a métrica tem relação com o ritmo, o professor pode recorrer ao uso de instrumentos musicais, prin-

cipalmente os de percussão para apresentar esse tema aos estudantes. Bater palmas é uma alternativa para marcar não somente a contagem das sílabas, mas também diferenciá-las quanto à tonalidade. No cordel, os versos são escritos, geralmente, em redondilhas maiores, ou seja, versos de sete sílabas poéticas, cuja contagem ocorre de forma diferente da forma como se dá com as sílabas gramaticais. Atividades de separação de sílabas átonas e sílabas tônicas também auxiliam na compreensão do ritmo.

É possível ainda transcrever estrofes no quadro com as sílabas poéticas já separadas, circulando a última sílaba tônica de cada verso para, em seguida, solicitar que os estudantes leiam em voz alta e, à medida que forem lendo, batam palmas para cada sílaba. Nesse caso, é necessário o alerta para que a batida mais forte acontecerá na sílaba tônica, isto é, a última mais forte do verso.

ESTROFE

Para fazer um cordel é necessário compreender que o gênero possui uma estrutura muito bem definida, na qual, além dos elementos principais, é preciso saber também sobre verso e estrofe.

No cordel, as estrofes predominantes contam quatro, seis ou sete versos. Elas são chamadas, respectivamente, de quadras, sextilhas e setilhas. Também podemos ter cordéis com estrofes de dez versos, chamadas de décimas. Há vários tipos de décimas, porém elas são estruturas mais usadas no repente (nas cantorias). Em cada tipo de estrofe, rimas têm lugar definido, ou seja, cada estrofe tem o seu “esquema de rimas” característico.

Em primeiro lugar, precisamos identificar os tipos de estrofes, a partir da quantidade de versos e esquema de rimas. Vale lembrar, inclusive, que uma estrofe que, por si só, não se caracteriza como um cordel.

A tarefa de identificar na estrofe os versos que rimam e os que não rimam para compreender o “esquema de rimas” da estrofe torna possível chegar aos nomes que as estrofes recebem, por sua organização, por exemplo, XAXA para as quadras; XAXAXA, para as sextilhas e XAXABBA para as setilhas, sendo o X relativo aos versos sem rimas e as letras A ou B, aos versos que possuem a ligação rimada.

Outra atividade possível é escolher um grupo de estrofes, transcrevê-las no quadro e solicitar aos estudantes que as copiem e, em seguida, as recortem e modifiquem a ordem dos versos, isto é, descontruam a estrofe e as modifiquem, mantendo sempre o número de versos em cada uma e o número de sílabas em cada verso.

POEMA E POESIA

O cordel é um gênero literário que possui “corpo e alma”. Esta é uma boa forma de explicar a diferença entre poema e poesia, pois é importante que os estudantes conceituem desde cedo os elementos que fazem parte do universo “cordelístico”. O cordel é o poema, o corpo literário construído por meio de palavras. A poesia é o elemento abstrato que nos proporciona imagens, sentidos e até emoções. De forma contemporânea, comparando poema e poesia aos elementos tecnológicos, o poema é o hardware e a poesia é o software. O Hardware é a parte física do computador, ou seja, o conjunto de aparatos eletrônicos, peças e equipamentos que o mantém em funcionamento. O Software é o conjunto de programas que permitem realizar as tarefas da máquina. Ambos são importantes dentro do que se propõem. Assim também são o poema e a poesia.

Nesse contexto, trabalhar o texto em cordel na escola pode ser um momento pedagógico de profunda relevância, tendo em vista que a poesia faz parte da nossa formação cultural. O trabalho com o cordel em sala de aula não tem como obje-

tivo formar cordelistas, escritores ou artistas, e sim promover o despertar dos estudantes para a cultura, o fazer literário e artístico, muitas vezes já presentes neles.

Por isso mesmo, é importante ressaltar que não é atividade simples solicitar que os estudantes escrevam um cordel. Evidentemente, se os estudantes preferirem escrever, é bom motivá-los ainda mais. No entanto, não é aconselhável que essa seja uma obrigação, tampouco que sejam avaliados por isso. Podemos partir do seguinte princípio: quem faz cordel é cordelista. Os estudantes podem desenvolver suas escritas poéticas e também se tornarem cordelistas. Afinal, não há formação para poeta. Há liberdade de criação. Portanto, o que recomendamos é leitura, escuta, presença.

Assim, as atividades que podem ser realizadas nessa etapa, podem contar com a presença de cordelistas, para contar sua história, narrar seus processos criativos e, principalmente, declamar versos. Uma forma muito positiva de motivar a leitura é pedir a cada estudante que adquira um folheto de cordel e organize conjuntamente um “acervo” na sala de aula, onde poderão intercambiar leituras, temas e formas.

A HISTÓRIA DO CORDEL

As atividades deste tópico sugerem uma visão mais completa e aprofundada do que é o cordel como expressão cultural. Por isso, é importante que os estudantes tenham compreensão de todos os elementos que compõem o gênero, para que possam realizar tarefas que vão desde a leitura e a produção literária, até alcançar as artes que caminham ao lado do cordel, como o desenho, a xilogravura, a fotografia, a declamação etc.

Nessa fase, é essencial que a escola motive os estudantes a conhecerem nomes representativos do cordel brasileiro, desde sua origem até a contemporaneidade. Uma pesquisa biográfica sobre os homens e as mulheres do cordel pode ser um caminho

de descoberta, tendo em vista que as redes sociais apresentam bastante conteúdo sobre o tema, produzido muitas vezes pelos próprios poetas.

Realizar uma Feira Cultural envolvendo toda a escola é uma proposta que reúne diversas atividades artísticas, envolvendo dança, teatro, exposições etc. Chamar a atenção da comunidade escolar para o tema e sua importância valoriza não apenas o folheto de cordel em si, como também pode despertar o gosto pela leitura.

Outra alternativa é utilizar meios tecnológicos para a produção de conteúdos como videominutos e podcasts sobre a literatura de cordel, buscando outras reflexões sobre essa importante expressão de nossa cultura.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, D. B.; NASCIMENTO, I. C. S. *Das Neves Às Nuvens, I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano*. Aracaju: Brasil Casual, 2018.

ALEXANDRE, D. B. *Machismo – o que precisa mudar*. Aracaju: J.Andrade, 2019.

ALEXANDRE, D. B. *Amores di (versos)*. Fortaleza: Ganesha Produções, 2021

ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande; PB: Bagagem, 2003.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BRASÍLIA. MINISTÉRIO DA CULTURA – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – Iphan CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR – CNFCP. Dossiê de Registro Literatura de Cordel. 2018. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf)> Acesso em 17 maio 2021.

CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1984.

CARVALHO, Gilmar de. *Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte*. – Ceará. São Paulo: IEB-USP, s.d.

CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1998.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*. 3 ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

CESARINY, Mário. *Horta de literatura de cordel*. Lisboa: Assirio e Alvim, 1983.

CURRAN, Mark. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: EDUSP, 1998.

DAMBERG, Tatiana. *A peleja do alecrim com o coentro e outros causos culinários: receitas e cordel*. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2007.

DE DUVE, Thierry. *Fazendo escola ou (refazendo-a)*. Chapecó: Argos, 2012.

FRANKLIN, Jeová. *A literatura de cordel*. Brasília: s. ed., 2002a.

FRANKLIN, Jeová. *A xilogravura nordestina*. Brasília: s. ed., 2002b.

GULLAR, Ferreira. *Romances de Cordel*. Ilustrações de Ciro Fernandes. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

KUNZ, Stanislas. *Brésil / Cordel: une anthologie des gravures populaires*. Gémenos: Les éditons de l'amateur, 2005.

LESSA, Orígenes; SILVA, Vera Lúcia de Luna e (Orgs.). *O cordel e os desmantelos do mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

LIMEIRA, Josué. *O pequeno príncipe em cordel*. Ilustrações de Vladmir Barros. Recife: Carpe Diem Edições e Produções, 2015.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. São Paulo: Cortez, 2012. (Série Trabalhando com... na escola)

MATOS, Edilene. *O imaginário na literatura de cordel*. Salvador: UFBA, 1986.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafo-ne e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

MELO, Veríssimo de. *Tancredo Neves na literatura de cordel*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

NASCIMENTO, Isabel. C. S. *Sementes de Girassóis*. Aracaju: Edise, 2018.

PENHA, Isis da. *Quando a palavra fere estruturas: violência linguística*. Fortaleza: Ganesha Produções, 2021.

ROIPHE, Alberto. “Figurações da ciência na literatura de cordel”. In OLIVEIRA, Carmen Irene C. de; SOUZA, Lucia Helena Pralon (Orgs.). *Imagens na educação em ciências*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Lamparina, 2014, p. 13–34.

ROIPHE, Alberto. “Folheto de cordel: um gênero verbo-visual”. In ROIPHE, Alberto; FERNANDEZ, Marcela Afonso (Orgs.). *Gêneros*

textuais: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: Rovel, 2011, p. 113–135.

ROIPHE, Alberto. *Forrobodó na linguagem do sertão: leitura verbo-visual de folhetos de cordel*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2013.

ROIPHE, Alberto. *Fuxico: o disse me disse na literatura de cordel*. Aracaju: Criação, 2016a.

ROIPHE, Alberto. O folheto de cordel na crítica de Mário de Andrade. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 25, p. 143–156, 2016b.

ROIPHE, Alberto; BERNARDO-SANTOS, Wilton James. “Dicionário e gramática na literatura de cordel: da institucionalização ao bom humor”. In: RAMALHO, Christina Bielinski; LIMA, Geralda de Oliveira (Orgs.). *Estudos linguísticos e literários: edição comemorativa dos 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS*. Aracaju: Criação, 2018, p. 37–60.

SANTOS, Enéias Tavares. *Farinhada: xilogravuras (e versos) de Enéias Tavares Santos*. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe. Secretaria da Educação e Cultura, 1977.

WANKE, Eno Teodoro. *Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1983.

SOBRE OS AUTORES

ALBERTO ROIPHE

Professor de Literatura e de Língua Portuguesa do Departamento de Didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de São Paulo (PPGAV-USP). Doutor e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Realizou Estágio de Pós-Doutoramento na área de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e na área de Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-UNESP). Pesquisas e publicações com ênfase na relação Literatura/Artes Visuais (Literatura de Cordel: palavra e imagem; Modernismo Brasileiro: poesia e pintura) e Ensino/Aprendizagem de Literatura.

ROSILENE PIMENTEL

Doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL (2017). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS (2005). Especialista em Formação em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL (2000). Licenciada em Letras – Português e Inglês pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC (1998). Foi Professora, Coordenadora do Curso de Letras Língua Portuguesa e Coordenadora do Curso de Especialização em Docência e Gestão no Ensino Superior da Faculdade Estácio de Sergipe. Foi membro do corpo editorial e revisor da revista Cadernos de Pesquisa e Extensão Desafios Críticos da Faculdade Estácio de Sergipe. Foi membro da Comissão de Iniciação Científica da Faculdade Estácio de Sergipe. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando com: língua portuguesa e inglesa; metodologia e Didática no ensino superior; Metodologia do estudo e do trabalho científico; Legislação e ensino; Leitura e produção textual; Educação; Didática; Teoria da Literatura; Literatura comparada; Narrativa jurídica; História e Política do Ensino Superior; Planejamento e Avaliação do Ensino Superior; Pesquisa e Docência no Ensino Superior; Aspectos da Linguagem e Produção Docente. Desde 2020, é consultora e professora de Projeto de Vida e Empreendedorismo para professores da Rede Pública Estadual de Ensino de Sergipe.

SOBRE A CORDELISTA-PREFACIADORA



Criação Editora



IZABEL NASCIMENTO

Sergipana, pedagoga, escritora, poeta, cordelista e radialista. Filha dos poetas pernambucanos Pedro Amaro e Ana Santana, e sempre esteve ligada à Cultura Popular, tendo escrito seus primeiros versos aos 7 anos de idade. Presidente Fundadora da Academia Sergipana de Cordel – ASC (2017–2019). Membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Sergipe (2019–2021). Recebeu a Comenda Cultural Maria Beatriz Nascimento, da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (2018). Apresentadora do Programa Cordel de Quinta (Plataformas Digitais). Criou o Projeto “Saúde Mental em Cordel” – uma série de vídeos que foi exibida pela TV Aperipê/SE e está disponível no Youtube, retratando as doenças mentais que mais ocorrem no Brasil (2018). Coordena as ações da Casa do Cordel – Espaço Cultural que leva o nome de seu pai, Pedro Amaro do Nascimento – fundada em 2013. Coordenadora da Sala de Cultura Popular Manuel D’Almeida Filho, na Biblioteca Pública Epifânio Dória, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe (SECULT/2015); Colunista do Jornal Cinform (2016/2017); Atua na Secretaria de Cultura de Maruim–SE, onde desenvolveu o Projeto “Literatura de Cordel em Sala de Aula” em escolas da zona rural (2007). Izabel participou do Festival Internacional do Brasil na Áustria, onde lançou quatro de seus títulos na Embaixada do Brasil, em Viena (2014). Ministra palestras e oficinas em todo Brasil e divulga grande parte de seu trabalho nas redes sociais, dentre eles o Cordel do Whatsapp, que ficou conhecido em todo o país.

